

Adozinda,

ROMANCE.

Pelo Auctor da Historia da Lingua e Litteratura Portugueza na
Collecção intitulada PARNASO LUSITANO, do Poema
CAMÕES, Editor de D. BRANCA, &ca. &ca. &ca.



Londres :

EM CASA DE BOOSEY & SON, BROAD STREET ;

E DE V. SALVA, REGENT STREET.

1828.



COMPRA

L.
45793

R. 178120

ROMANCO

IMPRESSO POR
BAGSTER E THOMS, BARTHOLOMEW CLOSE,
LONDRES.

ADVERTENCIA.

O AUCTOR d'este romance animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas teem merecido ao público portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, emprehende ésta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epochas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um genero que fez a colossal reputação de Sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia—na republica das lettras—o nome e independencia que ha tanto perdêra na ordem politica.

Ainda que em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez a prôva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa : e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não for adjudicado por todo o juiz imparcial.

CARTA

Do auctor sôbre a natureza e antiguidade da poesia romantica-popular entre nós,—e particularmente sôbre este romance.

Ao Sr. D. L.

Londres, 14 d'Agosto, 1828.

Meu Amigo,

EIS-AHI vai o romance em que lhe fallei n'uma das minhas últimas cartas escriptas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava: por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto

melhor para quem gostar de dizer mal, que lhe não faltará de quê.

Creio que é ésta a primeira tentativa que se faz em Portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extenção, n'este genero de versos pequenos, *octosyllabos*, ou de redondilha, como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso Lusitano* impresso ultimamente em París,—unica coisa minha que ha n'aquella collecção, porque não so a escolha das peças, mas até a ordem e systema da obra me transtornaram, e me enchovalharam tudo com notas puerís, ridiculas, e até malcreadas algumas,—n'esse resummo toquei eu de leve, como em tudo o mais, sôbre a belleza d'estes nossos versos

octosyllabos, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e que para certos assumptos e certos generos de poesia são mais adequados do que nenhuma outra especie. Boscan gabase de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: não sei ou não me atrevo a decidir se foi comeffeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos hendecasyllabos; mas é certo e alêm de toda a dúvida que do tempo de Boscan e Garcilasso em Castella, e logo de Sa de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram estes nossos metros primitivos a cahir em mais desuso, a não se empregarem senão em certo genero de poesia ligeira (ou segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*) como decimas, voltas e outras coisas que taes. Francisco Rodriguez Lobo

ainda usou d'estes versos no genero bucolico e tambem no que então chamavam *romances* —que certamente não era o que hoje stric- tamente se intende por este nome; felicicis- simamente os empregou: e em tempos mui posteriores com igual ou maior felicidade os reviveu o nosso grande e incomparavel To- lentino na satyra e no tam faceto e delica- dissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do princípio, e para assim dizer, do primeiro balbuciar de nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos nos approximámos da lingua provençal, primeira culta da Europa depois da invasão septentrional (*langue romanne—romance*) é a poesia dos trovadores.

—Singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, e com quanto deixou seu cunho impresso no character das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve com tudo imitadores nem se cultivou e apperfeiçãoou nunca mais, senão agora recentemente depois que os romances poeticos de Sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemaes, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gôsto e o fizeram *da moda*. Fati- gados de grego e romano em architecturas e pinturas, começámos a olhar para as bellezas de Westminster e da Batalha; e o appetite embotado da regular formosura dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porêm não menos lindas nem menos ele-

gantes fôrmas da architectura e sculptura gothica.

Sucedeu exactamente o mesmo com a poesia: enfastiados dos Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo-nos de ver com que maravilhoso enfeitavam suas ficções e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avos: achámos fadas e genios, incantos e duendes, —um stylo differente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gôsto mais delicado de ingenhos cultivados soube empregar habilmente e tirar partido de tudo. A poesia romantica, a

poesia primitiva, a nossa propria, que não herdámos de Gregos nem Romanos, nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas, resuscitou bella e remoçada, com suas antigas gallas porêm melhor talladas, com suas feições primeiras porêm mais compostas; a mesma ingenua, selvatica, caprichosa e aerea virgem das montanhas, que se appraz nas solidões incultas, que vai pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, envolta em veos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côes indistinctas que nem occultam nem patenteiam os astros do noite;— a mesma beldade mysteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da tôrre deserta, do claustro cuberto de hera e musgo, e folga de cantar suas endeixas desgarradas á boca

de cavernas fadadas—por noite morta e a horas aziagas. E' a mesma sem dúvida; porêm o gôsto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a lithurgia, modificou os ritos e os accomodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos menos variados, porêm mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porêm muito mais amavel e incantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada por Sir W. Scott e alguns poucos mais.

Muito antes porêm do nomeado escocez ja tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia d'Hesiodo:—mas a propria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestreis, sem questão nem disputa, so

W. Scott a fez.—Com ella se restaurararam tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao stylo cantavel, que é essencial ás composições d'aquelle genero. Os grandes e bellissimos effeitos que W. Scott produziu com este genero de metrificação em Marmion, Rokeby, &a. levaram provavelmente Byron a adoptá-lo em quasi todos os seus poemas e certamente nos mais lindos.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa lingua para este genero de poesia (e tambem para outros) é o dos versos octosyllabos. Os Portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e espontanea se offerece ás fórmãs e cadencias me-

tricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observe-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma o da redondilha de oito syllabas. A causa é obvia; é a medição mais natural que lhes appresenta a musica da lingua.

Não so as canções antiquissimas conservadas nos dous cancioneiros, o do Collegio dos Nobres (impresso por Sir Charles Stuard em Paris) e o de Resende, são todas ou quasi todas n'este metro, mas tambem outras poesias mais antigas talvez, os romances populares historicos ou *Chacras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias. Logo fallare-

mos mais de vagar n'estas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes reliquias de nossa archeologia poetica.

O genero romantico não é novo entre nós. Não fallo em relação aos tempos antiquissimos de nossos trovadores dos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das canções de Fuas Roupinho, de Egas Moniz, do célebre amigo e companheiro do poeta gallego Macias, de outros varios, e até do rei D. Pedro I. para o provar: mas não alludo a epochas tam remotas e incultas. Depois de introduzido o gôsto classico por Sa Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singellas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando

deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude romantico dos menestreis. O proprio auctor dos Lusíadas nas canções, que depois d'aquella são sua melhor composição, em meu sentir, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tam repassadas de melancholia suavissima, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo ja observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor peregrino*, pela *Primavera* etc. é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Corterreal no *Naufragio de Sepulveda* quando o deixam com a natureza e lhe permitem ter *sensu communi* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, do quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro que V. descobriu em Londres e de que talvez não haja mais dous exemplares em todo o Portugal.

Mas depois que, na extincção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas-lettras e a lingua, e o verdadeiro gosto poetico affugentou os *acrostichos* e os *labyrintos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas lyras do elegante e puro Garção, do altissonante Diniz, do sublime Filinto, do numerozo Bocage, do classico Ribeiro dos Sanctos, do ingenuo Maximiano Tôrres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas; mas o genero romantico desprezado e

nem sequer lembrado ficou no esquecido sepulcro, mal avaliado e não entendido.

No meu poemazinho do Camões aventurei alguns toques, alguns longes do stylo e pensamentos d'este genero, que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquelloutro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron, e de Lamartine vai de par com elle, e, não direi vencedor, mas tambem não vencido.

Seja quem for o auctor de D. Branca, que tambem publiquei, é certo que esse mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafiou a lyra dos vates: outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto em nenhum sentido novo

o genero romantico em nossa litteratura; nem me appresento com este meu romance-sinho ao público portuguez a pedir *brevet d'invention* ou *d'introduction*. Se reclamo prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmãs metricas da nossa lingua em uma especie de poesia que tambem foi a primitiva nossa, e aomenos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma creada nossa, em tórno da qual nos reuniamos, nós os pequenos todos de casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantados, meio rezados, estes romances populares (ou *chacras*) de maravilhas e incantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a sin-

gelleza da phrase, um não sei quê de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancolica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de gôso innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo.

Veio outra idade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções—tudo o que compõe a variada tea da vida,—e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida!—tudo isso passou; e no meio de tudo isso, la vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso,—e as noites da minha infancia e os romances incul-tos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Li os poemas de Walter Scott, ou, mais exactamente, suas novellas poeticas, as *ballades* allemans, as inglezas de Burn; e comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Examinei o cancionero de Rezende e o do Collegio dos Nobres; e não achei senão cantigas e canções de diversos generos, mas nenhum romance historico ou narrativo. D'esta última especie não ha impresso senão os fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito, e pouco mais.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal; estimulava-me a leitura dos

muitos ensaios estrangeiros que em materias quasi similhantes encontrava todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel senhora de minha particular amizade—a quem é dirigida, por uma especie de retribuição agrade-cida, a introducção do presente romance—foi quem se incumbiu a rogos meus de me procurar em Portugal algumas cópias d'estes romances populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-seccas* e *cuzinheiras* velhas, hoje principaes depositarias d'este genero de archeologia nacional,—galantes cofres, em que para descobrir alguma coisa é necessario esgravatar como o *pullus galli-*

naceus de Phedro,—alguma coisa se pôde obter informe, e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rapsodias ou, mais propriamente, fragmentos de romances ou chacras, todos visivelmente do mesmo stylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar uma amostra do modo por que o fiz, aqui lhe copio um dos mais curiosos, ainda que não dos menos estropiados, e com elle o remoçado ou enfeitado por mim, o melhor que pude e sube sem alterar o fundo da historia e con-

servando, quanto era possível, o tom e stylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'éstas peças antiquissimas de nossa infancia poetica.

ROMANCE

DE

BERNAL FRANCEZ,

Segundo o canta o povo, por tradição oral antiquissima.

—“ QUEM bate á minha porta,

Quem bate, oh! quem 'stá ahi?”

—“ Sou Bernal francez, senhora.”

—“ Minha porta vou abrir.

Mas se é outro cavalleiro,

5

Bem se póde d'ahi ir.”

Ao descer da minha cama
 Eu rompi o meu frandil; *
 Ao abrir da minha porta
 Me apagaram meu candil. † 10
 Eu lhe peguei pela mão
 E o levei ao meu jardim;
 Fiz-lhe uma cama de rosas
 Rodeada de jasmims;
 Lavei-o em agua de flores 15
 E deitei-o a par de mim.

* * * * *
 * * * * *

—“ Meia noite ja é dada
 Sem te virares p'ra mim!
 Se témel'os meus irmãos,
 Elles não virão aqui;

* Candeia, vela, &a. † Fralda, camisa, &a.

Se témel'as minhas filhas, 20
 Ellas não virão aqui;
 Se témel'os meu criados,
 Elles não virão aqui;
 Se temes a meu marido,
 Longes terras 'stá d'aqui." 25
 Má traça! * matem-no os Mouros
 Más novas venham a mim."
 —“ Não temo aos teus irmãos,
 Pois cunhados são de mim;
 Não temo das tuas filhas, 30
 Pois que filhas são de mim;
 A teu marido não temo,
 Pois está a par de ti.”
 —“ Se tu és o meu marido,
 Quero-te mais do que a mim. 35
 Oh! que sonho tam estranho

* Interjeição de odio ou má vontade, como est' outra popular: *Má mez o leve!*

Que eu tive agora aqui!”
 —“ Deixa tu vir a manhan
 Que eu te dou para vestir
 Um bom saiote de grana,* 40
 Bom gibão de cramezim,
 Gargantilha de cutello;
 Pois tu o queres assim.”

* * * * *

* * * * *

—“ Deixa-me ir por 'qui abaixo
 Co'a minha capa cahida, 45
 Vou-me ver a minha amada
 Se é morta ou se é viva.”
 —“ Tua amada, meu senhor,
 E' morta, que eu bem a vi:
 Os signaes que ella levava 50

* Gran, ou grana, purpura.

Eu t'os digo agora aqui :
 Levava saia de grana
 E gibão de cramezi,
 Gargantilha de cutello ;
 Tudo por amor de ti. 55

O caixão que a levava
 Era de oiro e marfim,
 Frades que a acompanhavam
 Não tinham conto nem fim ;
 Ella se foi a enterrar 60

A' igreja de San Gil."

* * * * *

* * * * *

* * * * *

* * * * *

—“ Abre-te, ó campá sagrada,

Comtigo me quer' cubrir.”

* * * * *

* * * * *

—“ Vive, vive, cavalleiro,
 Vive tu, que eu ja morri. 65
 Braços com que te abraçava
 Ja não teem vigor em si,
 Olhos com que te mirava
 Ja a terra os cubri’,
 Boca com que te bejava 70
 Ja não tem sabor em si.
 A mulher com quem casares
 Chame-se Anna com’a mim;
 Filhas que d’ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim, 75
 Que se não percam por homens
 Como m’eu perdi por ti.”

VARIANTES.

Vers. 4. Vossa porta vinde abrir.—Começando a
 resposta no verso immediato, e não n’este.

Vers. 5. Se é outro cavalleiro. — *E'sta variante
suppõe aquell'outra.*

Vers. 26. Má traça mate os Mouros.

Vers. 27. Más novas venham a mim! — *Suppõe ésta
variante, começar no verso 26 a res-
posta do marido.*

Vers. 40. Boa saia de guarane. — *O que não faz
sentido, porque guarane não é pa-
lavra portugueza.*

Este é o romance original, segundo melhor
se pôde haver da tradição. O seguinte é a
imitação que d'elle fiz.

ROMANCE

DE

BERNAL E VIOLANTE.

Imitado de uma cantiga popular antiquissima, e
no mesmo stylo.

Ao mar se foi Dom Ramiro,
Gallé formosa levava ;
Seu pendão terror de Mouros
N'alta poppa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vai ralado,
Com tantos annos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
Tam bella como Violante ;

Não a houvera igual no mundo
Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan
Do castello alevantado,
So a véla * na alta tôrre
Não cede ao somno pezado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silencio ao redor ;
Dobra o recato nas portas
Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se ve luz n'uma setteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

* Vigia.

Muitas noites que passaram,
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, á mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
Que tam fiel prometteu
De guardar a seu senhor
Juramento que lhe deu ?

Sabera, não sabera:
Mas a cravella ligeira
Que ao pe da tôrre varada
Jazia alli na ribeira,

Uma noite escura e feia
Na praia menos se achou ;
Quem n'ella foi não se sabe,
Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz

A' mesma hora abrilhar;

So a barca aventureira

Não foi vista hoje passar.

E d'um lado aopé da rocha

Havia um falso postigo,

So o sabem D. Ramiro,

Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,

Gente que o postigo entrava,

E á porta de Violante

Manso bater se escutava.

“ Quem bate á minha porta

Quem bate, oh! quem 'sta áhi.”

—“ Sou Bernal francez, senhora,

Vossa porta a amor abri.”

Ao descer do leito d'ouro
A fina hollanda rasgou,
Ao abrir mansinho a porta
A luz que se lhe apagou.

Pela mão tremente o toma,
Ao seu apposento o guia :
—“ Como treme, amor querido,
E'sta mão, como está fria !”

E com osculos ardentes
E no seio palpitante
Que lhe aquece as frias mãos
A namorada Violante.

—“ De longe vens ?” — “ De mui longe.”
—“ Bravo estava o mar !” — “ Tremendo.”
—“ Armado vens !” — Não responde.
Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas
O amado corpo banhou,
E em seu leito regalado
A par de si o deitou.

—“ Meia noite ja é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me encobres teus pezares ?

“ Se temes de meus irmãos,
Elles não virão aqui ;
Se de meu cunhado temes,
Não é homem para ti.

“ Meus criados e vassallos
Por essa tôrre a dormir
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descobrir.

Se de meu marido temes,
A longes terras andou,
Por la o detenham Mouros,
Saudades ca não deixou.”

—“ Não temo os vossos creados,
Meus creados tambem são ;
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

“ De teu marido não temo
Nem tenho de que temer ;
Aqui está aopé de ti,
Tu é que debes tremer.”

E o sol ja na oriente erguido
Da tôrre ameias dourava ;
Violante mais bella que elle
Para a morte caminhava.

Alva tella aspera e dura
 Veste o corpo delicado,
 Por cintura rijo esparto
 Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,
 Que a piedade o crime esquece;
 O proprio offendido esposo
 Com tal vista se enternece.

Dá signal a campá triste,
 O algoz levanta o cutello

—“ Meu senhor, mereço a morte,
 (A malfadada dizia)

“ De joelhos, Dom Ramiro,
 Humilde perdão vos peço,
 Perdoae-me por piedade,
 A morte não, que a mereço.

“ Da affronta que vos hei feito,
Por minha triste cegueira
Dae-me quitação co'a morte
N'éssta hora derradeira :

“ Mas so eu sou criminosa
Do aggravo que vos fiz,
Não tireis, senhor, vingança
D'esse misero, infeliz”

Talvez ia perdoar-lhe
O esposo compadecido,
Renovou-se-lhe o odio todo,
D'aquelle rôgo offendido.

O semblante roxo d'ira
Para não vê-la torceu,
E co'a esquerda mão alçada
O fatal accêno deu.

Sôbre o collo crystallino,
Desmaiado, e inda tam bello,
De golpe tremendo e subito
Cai o terrivel cutello.

Oh! que procissão que sai
Da antiga porta da tôrre,
Que gente que acode a ve-la,
Que povo que triste corre!

Tochas de pallida cera
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia á sepultura.

Cubertos com seus capuzes
Rezam frades ao redor,
A dobrar desentoados
Os sinos causam terror.

Duas noites são passadas,
Ja não ha luz na setteira,
Mas passando e repassando
Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira
Que nenhum mar soçobrou,
O farol que te guiava,
Ja não luz, ja se apagou.

A tua linda Violante,
O teu incanto tam bello,
Por ti teve feia morte,
Crua morte de cutello.

Na igreja de San' Gil
Ouves a campa a dobrar,
Ves essas tochas ao longe?
Ella que vai a enterrar.

Ja se fez o enterramento

Ja cahiu a louza fria ;

So na igreja solitaria

Um cavalleiro se via :

Vestido de dó tam negro,

E mais negro o coração,

Sôbre a fresca sepultura

De rôjo se atira ao chão.

—“ Abre-te, ó campa sagrada,

Abre-te a um infeliz! . . .

Seremos na morte unidos

Ja que em vida o ceo não quiz.

“ Abre-te, ó campa sagrada

Que escondes tal formosura,

Esconde tambem meu crime

Com a sua desventura.

“ Vida que eu viver não quero,
Vida que eu so tinha n’ella,
Recebe-a, ó campa sagrada,
Que não posso ja soffrê-la.”

E o pranto de correr,
E os soluços de estallar,
E a mão que leva á espada
Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulcro tam cortada,
Que as carnes lhe arripia
E a vida deixou parada :

“ Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu ja vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu so que a mereci.

“ Ai n'este gêlo da campa,
Onde tudo é frio horror,
So da existencia conservo
Meu remorso e meu amor!

“ Braços com que te abraçava
Ja não teem vigor em si ;
Cobre a terra humida e dura
Os olhos com que te vi.

“ Boca com que te bejava
Ja não tem sabor em si ;
Coração com que te amava
Ai! so n'esse não morri!

“ Vive, vive, cavalleiro,
 Vive, vive e sê ditoso,
 E apprende em meu triste fado
 A ser pae e a ser esposo.

“ Donzella com quem casares
 Chama-lhe tambem Violante ;
 Não amarâ mais do que eu
 Porem será mais constante.

Filhas que d’ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim,
 Que se não percam por homens
 Como eu me perdi por ti.”

A minha primeira ideia foi fazer uma colleção d’estes romances assim remoçados e ornados com os enfeites singelos porêm mais symetricos da moderna poesia romantica, e

publicá-la com o titulo de *Romanceiro portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tam interessante e de que talvez so a lingua portuguesa, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de nenhuma das outras todas creio que se possa dizer tal.

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distracção de tam variado genero, mortificações, cuidados, trabalhos mais serios; emfim deixei e desisti da empreza.

Ja tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando-me sempre devez em quando este empenho tam antigo e tam fixo; e a occasião a fugir-me. Emfim uma circumstancia fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antigua-

lhas. Lançado em uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jamais se ouviu,* para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, voltei-me ás charcras e mutilados romances populares, que sempre comigo teem andado como uma preciosidade, que bem sei que ninguem mais avalia, de que muita gente se rirá, mas que eu apprecio, e que me ponho ás vezes a contemplar e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias diante d'um tronco de estatua, d'um capitel de columna, d'um pedaço de vaso

* O auctor esteve por espaço de tres meses preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim dos tres meses se achou materia de culpa!

etrusco, d'um bronze ja carcomido e informe, desinterrado das ruinas de Pompeia ou do Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaelis e Miguel Angelos não fez o estudo d'esses fragmentos, que despreza porque mais não intende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distrahindo pensamentos.—Tinha eu começado a ageitar um outro romance que originalmente se intitula *A Silvana*, cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega: é um

pae namorado de sua propria filha!—A filha joven, bella, virtuosa, sancta emfim. —A difficuldade do assumpto irritou o desejo de lutar com ella e vencê-la se possível fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para um romance, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes, para uma *ballad*, sahiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que soa melhor e é portuguez antigo, e se encontra em Brandão continuador da Monarchia Lusitana de Fr. Bernardo de Brito. O fundo da historia, as circumstancias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é

differente mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para ver e combinar. E' dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que teem mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial.

Ora eis-aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta.—Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos

tam longos em que o deixei!—até o nascimento e a morte de uma filha unica, tam querida e para sempre chorada!

Adeus, meu amigo; não sei o que ahi vai escripto, nem como. São ideias sem nexo, pensamentos desatados; coisas á toa como o espirito de quem as escreve. Leia-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso,—do que muito duvido—porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheoses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a rever o que ahi vai escripto, quer prosa quer versos.*

* O romance original da *Sylvana*, de que é imitação *Adozinda*, vai trasladado n'uma das notas á introdução. V. nota no fim.

INTRODUCCÃO.

INTRODUCCÃO.

A ELYSA.

Campolide 11 d' Agosto, 1827.

Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time ;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.

WALTER SCOTT.

CAMPO da lide é este ; aqui lidaram,
Elysa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória,—aqui prostraram
Suberbas castelhanas,—e venceram,
Que pelo rei e patria combatendo
Nunca foram vencidos Portuguezes.

—Este terreno é sancto : inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados *
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembrados ;
Nobres reliquias são d'altas muralhas
Forradas ja de lucidos arnezes,
De tresdobradas malhas.
Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,
Suberbo e vencedor
Das Quinas o pendão victorioso ;
E junctos ao redor
D'esse paladio augusto e sacrosanto
Invencivel trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados, —
Que á voz da patria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados

* Ruinas de fortificações antigas em Campolide.

Do nobre coração os movimentos)
Heroes são todos, facil a victoria,
Faceis as palmas que lh' enfeixa a glória.

Ah!—paremos aqui:—ve quaes na frente
As arterias violentas me rebatem;
Febril, descompassado corre e ardente
E me angustia o sangue...—Ah! paremos
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho

Depressa o desceremos.

Faz-me bem ésta vista:—essas arcadas*

Suberbas, elevadas,

Que uniram monte a monte e serra a serra,

Acaso não serão

Tam illustres talvez,—não lembram guerra,
Glória não lembram; nem com sangue livido
A morte da victoria companheira

* Aqueducto das aguas livres.—V. notas no fim.

Para o erguido padrão

O cimento amassou.

Um rei que amou as artes, rei pacífico,

A quem amor fadou

Que seu fosse e das musas,—que fugidas

Da patria ha tanto, á patria as volveria;

Do povo á utilidade

Este sublime monumento erguia.

Para a posteridade

Isto so lhe appurou o nome e a glória,

E lhe ganhou as paginas da historia.

Inda é muita oppressão; inda me acanha

Tanta arte humana o coração no peito.

Tam grandes massas, fábrica tamanha

Absorto deixárão—mas satisfeito

O ânimo, os sentidos?—Não, Elysa;

Não satisfaz ao homem a arte humana,

Por mais que ella se uffana,

Que aos abysmos o centro opprime e pisa
C'os fundamentos de eternaes pyramides,

 Ou c'os erguidos vertices

A's nuvens rasga o seio tempestuoso ;

Nem assim :—ou tristeza ou alegria,

Ou esse estado de ineffavel gôso.

Que entre a dor e o prazer a alma suspende

Brandamente, e se diz *melancholia*,

 Oh! nada d'isso o excita.

Oh! nada d'isso o coração intende!

Oh! nada d'isso o espirito nos move

Se a natureza, a pura natureza

Por sua ingenua attracção nos não commove,

Posso admirar o homem e a grandeza

 De suas nobres feituraes ;

 Mas somente admirar :

 Mais não póde excitar

Mesquinha criação de creaturas.

Vamos por essa encosta
Subindo.—Eu gósto do alto das montanhas,
Dos picos das erguidas serranias.
O avaro á terra mãe abra as entranhas,
Cave oiro e crimes, com que encurte os dias
Seus e dos seus, e a sombra da virtude
Acabe de varrer da face d'ella.
Mas o que em paz consigo e co'a existencia
Ainda ama a innocencia,
Inda se appraz co'a natureza bella,
A seus quadros surri, com seus dons gosa,
Oh! esse venha ao cume do alto monte,
Venha estender a vista saudosa
Pelo valle que á falda lhe verdeja,
A messe que loureja,
E a despenhada fonte
Que vai garrulla e trepida saltando
Té que se junta em cava pederneira,
D'onde sai, o arco d'Iris imitando

Na espadana da fêrvida cachoeira :
Venha na solidão—e o so dos montes
E mais so que nenhum,—o silencioso
Mais augusto, solemne e magestoso !

Venha na solidão

Comsigo conversar, fallar um' hora

Com o seu coração.

—Quantos ha que annos longos hão vivido

C'os outros sempre, sempre c'os de fóra

Sem viverem comsigo nem um dia,

Nem um momento so !

Tenhamos d'elles dó ;

Viver não,—teem apenas existido.

Tua meiga companhia

E' doce, Elysa ; e sempre na minha alma

Foi teu brando fallar—E quantas vezes !—

Celeste orvalho que abrandou a calma

De paixões, que adoçou o agro a revezes :

Porêm a minha solidão querida

Devez em quando, la quando alma o pede,
Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.

Agora conversemos: eu ignoro

A arte das vans palavras que bem soam;

Oiço-as, e não demoro

No ouvido os sons, que de per si se escoam.

O sol declina;—temos largamente

Hoje philosophado.

Na viva flor da idade e da saude

Nem de todos sería accreditado

Que tam suavemente

Em austeras conversas de virtude

Nos fosse o tempo.—Crê-me, Elysa amavel,

Tem muito mais prazeres a amizade

E mais doces que amor:

Para todos os sexos, toda a idade,

Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,

Sem o cancro roedor

Do ciume voraz, que no mais puro
D'amor, no mais seguro
Suas raizes venenosas lança,
E co'a mais branda flor
Seus mordentes espinhos lhes entrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,

Da virtude tyranna:

Não nos illuda a tam commum cegueira;
Detesta o crime quem amor detesta.
Crimes!—ve a amizade prazenteira,
Que nenhuns tem;—e amor, ai! quantos,
quantos!

Honras perdidas, thalamos violados,
Os vinculos mais sanctos
Dos homens e de Deus, da natureza,
Da propria natureza—espedaçados
Por esse amor, que sua tocha accesa

Do vivo fogo traz do averno immundo
Para de crimes abraçar o mundo.

Honesto, justo, sancto, consagrado,
Nada respeita:—o sangue, o altar em meio
De seus desejos não é termo ou freio ;

Não ha pomo vedado
No Eden da virtude
Que a mão preversa e rude
Tocar não ouse,—árvore da vida
Que, dos gryphos mordida,
Em peçonha de morte não converta,
E a seiva salutar ja corrompida
Em lethal veneficio não perverta.

Lembra-te aquella historia
Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,
E de longa memoria
Entre elles perpetuada
E' singella legenda de uma sancta,

Que por brutal amor sacrificada,

Desvalida virtude,

So do crime escapou no seio á morte ?

Eu a canção magoada

Em verso menos rude,

Mais moldado verti, dei novo córte

Ao vestido antiquissimo, á simpleza

Que ha seculos lhe deu

De nossos bons maiores a rudeza.

—Serenos está o ceo,

Tranquillo o vento, a calma descahida ;

E, pois que não te enfada

A singella toada

Do bardo alahude que sem arte soa

E a rhyrna desgarrada

Da popular canção rustico entoa,—

Aqui t'a cantarei; ouve, e se o pranto

Te commover a saudosa endeixa,

Na selvagem bonina

Na campainha agreste d'esse mato

Arrociá-lo deixa;

São lagrymas sinceras, propria fonte

Para regar as innocentes flores

Que arte não sabem nem conhecem arte;

Flores como os meus versos, não variados

De refinadas côres,

Em que alma so e coração tem parte,

Não por classica musa modulados

Ao graduado som de grega lyra,

De cithara romana.

A minha é melodia que so mana

Dos intimos accordes so do peito;

Nem ha corda que fira

Em meu alahude rustico

Tom menos natural, mais contra feito.

Em superbos cannaes alto empedrados

Por ingenhoso hydraulico

Vão d'arte subjogados

Os caudaes da torrente conduzindo

Riquezas de preciosa mercancia :

E o arroio que serpeia entre pedrinhas

Pela relva macia,

Bordado emtorno sinuosamente,

• Que póde elle levar

Em sua doce e trepida corrente ?

—Alguma folha de silvestre rosa

Que ingenua divagando

Pastorinha formosa

Lhe foi acaso á margem desfolhando.

CANTO PRIMEIRO.

Adozinda.

CANTO PRIMEIRO.

No, I'll not weep:—

- *I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws,
Or ere I'll weep.*

SHAKSPEARE.

I.

ONDE vas tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa,
Pura, celeste Adozinda
Da côr da singella rosa
Que nasceu ao pé do rio ;
Tam ingenua, tam formosa,
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada

Abre o seio descuidada
A doce manhan d'Abril?
—Roupas de seda que leva
Alvas de neve que cega
Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto côr da violeta
Que á sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
—Anneis louros do cabello
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá-lh'o vento,
Dá no veo ligeiro e bello,
Veo por suas mãos bordado,
De um sancto ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castello,

Pediú pousada, e lh'a deram
Porque intercede a menina;
Que o pae soberbo e descrido,
“ N'essa gente perigrina
(Disse) quem sabe o que vem? ”
—Mas pede Adozinda bella,
Tal virtude e formosura,
Quem lho' hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.

II.

Mas o outro dia á luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver prática alongada
Co' aquelle velho ermitão.
Quem sabe o que lhe elle disse?
—Ninguem no castello ouviu:
Mas d'aquella occasião

A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante :
Ficou triste, sempre triste ;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos d'amor quebrados
Disseras os olhos d'ella ;
Mas não tem d'amor cuidados,
Que a ninguem conhece a bella.

III.

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do Outomno,
Vai no encôsto pedregoso
Cahir de serra escalvada ;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,

Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV.

Quinze annos tem Adozinda;
E desd'a vez que o romeiro
De saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balcão,
Faz tres para o San-João.

V.

E Adozinda sempre triste
Vai sosinha pelo eirado,
Pelo jardim, pelo prado;
Nem ja a divertem flores
Em que punha o seu cuidado.
Pelos sombrios verdores

De sua espessa coutada
Vaga á toa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada
A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou,
—Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI.

Que tem Adozinda bella
Que em tal desconsólo a traz?
Serão saudades do pae,
Que anda c'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a sancta lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dous filhos que levou,

A cadaqual sua espada
Com juramento entregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cadaum jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Ja vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando
Com sua espada portugueza
Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defeza.

VII.

Mas não são do pae saudades,
Que sempre a lidar com armas

Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até—quem diria tal!—
Quando a mãe por diverti-la
Lhe falla do pae ausente
E lhe diz que hade voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.
—Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao pé da bella Adozinda
Mais irman que mãe parece
De filha tam môça e linda.
—Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:
“ Filha amante de seu pae
Conceder-me o ceo não quiz!”
—Ai! que sem razão se chora

Ai! Auzenda malfadada;
Tem de vir minguada hora
Que á filhinha desgraçada
Dara mais razão que agora.

VIII.

Que tropel que vai nos paços
De Landim ao pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tôrre!
Geme a ponte, treme a terra
C'o pêso d'homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros;—e corre
O alferes que tremolando
Vai guião de roxa cruz.....
Ja chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz;

E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sôbre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX.

—“ Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu esposo e meu amor!”
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, soam vivas,
E o echo da antiga tôrre
Com o som festivo acordou.
“ Viva, viva Dom Sisnando!”
E o tropel que dobra e cresce,
E ás portas que chega o bando
Dos guerreiros triumphantes.
Do corcel suberbo desce

E aos a braços anhelantes
Da cara esposa voou.
Doce amor que os apertou
Não lhe deixou mais sentidos
Que para se ver unidos,
Estreitar-se peito a peito,
E em laço tam brando e estreito
Longa saudade affogar.
A Auzenda gotteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca enfia
Do esforçado lidador
Tambem sentiu—(mais que a dor
Póde o gôso!)—descuidada
Uma lagryma sensivel
De seus olhos escapada.

IX.

Mas as lagrymas de gôsto,
Como as de mágoa, teem fim:

Dom Sisnando enchuga o rosto,
E tomando a mão á esposa :
—“ D’onde vem, (lhe diz) senhora,
Que a joia mais preciosa
Não vejo d’estes meus paços,
D’onde vem que aos meus abraços
Minha filha? . . .” A filha bella
Trémula, pallida a um lado,
O rosto ao chão inclinado,
Parecia humilde estrella
Que ao primeiro raio vivo
Do sol que no alvor reluz
Não fica, não, menos bella,
Porêm pallida e sem luz.

X.

Tres annos ja são passados
Que Dom Sisnando a não via,
N’essa joven, linda dama
Sua filha não conhecia.

—“ Ei-la aqui, senhor, (dizia
A mãe, que d’um braço a trava)
“ Ei-la aqui.”—Os olhos crava
O pae na formosa filha,
E de assombro e maravilha
Mudo, estatico ficou.
Cora Adozinda—suspira,
E—“ Pae!” disse em voz tremente,
Submissa . . . —: languidamente
Ajoelha, osculo frio
Na paterna mão imprime:
Pranto que atelli reprime,
Corre agora em sôlto rio.
—“ Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tam carpida?
E’ teu pae, que hade querer-te,
Que hade amar-te como eu te amo.”
E tomou-a nos seus braços,
E a levanta Auzenda bella.

Pasma o pae, suspira ella;
E a custo os doces abraços
De pae, de filha se deram.

XX.

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes;
E os atabales soantes
Pregoaram festa e alegria
No castello de Landim.

CANTO SEGUNDO.

Adozinda.

CANTO SEGUNDO.

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter!

SHAKSPEARE.

I.

OH! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes,
Que sumptuoso festim!
Juncto ao valente campeão
A' cabeceira da meza
Ficou a bella Adozinda.
A tam celeste belleza
Estão todos admirando;
E o transportado Sisnando

Não se farta de abraçá-la,
De bejar filha tam linda.
Auzenda de gôsto chora,
E abençoa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
“ Inda bem (diz) que a rudeza
De tanto lidar com armas
A' innocencia, á belleza
Da amada filha cedeu!”
—Ella ás caricias paternas
Ja não ousa a esquivar-se;
Cora, mas deixa abraçar-se,
Ve-se que tantos affagos
A repugnancia venceram
Da timidez natural;
—Ou, se causa mais fatal,
Mais encuberta ella tinha
—Aomenos lh'a adormeceram.

II.

Ja de exquisitos manjares
Os convivas saciados,
De folias e cantares
Pagens, donzellas cançados,
E dos brindes amiudados
Finda a primeira alegria,
Doce repouso pedia
Quanto ésta noite em Landim
Velou em baile ou festim.
A seus nobres apposentos
Adozinda retirada
Com permissão outorgada
—A custo—do pae, se foi.
Auzenda em grave cortejo
De suas damas rodeada
Deixou ha muito o festejo,
E em seu camarim deitada

Espera o momento anciosa
Em que a sos a amante e a esposa
Nos braços de Dom Sisnando
Se hão de em breve confundir.

III.

Como um tapete mimoso
Juncto ao paço de Landim
Se estende jardim formoso,
De boninas arrelvado
De verde gramma e de flores.
Remata em bosque frondoso,
Cujos opacos verdores
Eternas sombras acoitam.
—De pesados sentimentos
Oppresso o peito tremente,
A respirar livremente
O ar puro da noite fria
Entrou insensivelmente

Dom Sisnando em seu vergel.
Jamais tam ricco docel
De azul bordado d'estrellas
Se estendeu por sôbre a terra
Do estio nas noites bellas.

IV.

Alta a lua vai no ceo,
E as sombras leves e raras
Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fulgida,
Porêm mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebê-la.

Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dous amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce bejo.

V.

Na feiticeira belleza
Da noite, do ceo, das flores,
Várias d'aroma e de côres,
Sisnando todo embebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do affôgo desappertando:
Ja pôde gemer,—suspira,

E como que se lhe tira
Um pêzo de sôbre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI.

Porque geme, porque aneia
Dom Sisnando, o lidador,
Sisnando, o triumphador,
Cujó alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta suberba ameia
De nunca entrado castello,
De jamais vencida tôrre?
—Dor que lhe nasce no peito
E' dor que no peito morre;
Ancia que lhe ralla a vida
Não é para ser sabida.
—E desde quando? ha tam pouco
Feliz e ditoso ainda,

Com tanta alegria e júbilo
Festejada sua vinda! . . .
Vassallos, esposa, filha . . .
Filha! . . .—A filha é tam formosa.
—Oh! essa Adozinda bella
Nos olhos incantadores
Tem com que matar d'amores
A metade dos humanos.
Não, não é peito sensível
Peito que lhe resistir:
Mas o pae! . . .—Não é possível.

VII.

Não é, não é.—Mas Sisnando,
Sem saber onde caminha,
Melancholico e pesado
Insensível foi entrando
Pelo bosque emmaranhado
Que ao jardim avizinha:

E o silencio, que o seguiu,
Que no espesso coito habita,
Nem um verde ramo agita,
Nem uma folha buliu.
—A' toa por entre as árvores
Sem seguir carreiro ou trilho,
Nem guiado d'um so brilho
De froixa estrella que entrasse
Por tam medonha espessura,
Ora lento e vagaroso,
Ora os passos appressura,
Ja por caminho fragoso,
Ja por vereda macia,
Té que n'um claro onde os troncos
Escasseiam de repente,
E onde pallido e tremente
Seu refflexo a lua enfia,
Sem o saber foi parar.

VIII.

Agreste, não feio é o sítio,
Medonho, horrível de ver ;
Porê[m] tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer.
Mão d'arte alli não chegou ;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza
Que a criação lhe deixou.
D'um lado chopos anciãos
Seus ramos lobregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crespas raizes nodosas
Das soveiras annosas,
Que as cortiças remendadas
Teem dos estios lascadas
A pedaços a cahir :

—Do outro altivos rochedos,
Como do ceo pendurados,
Diffundem pallidos medos,
Que em funda grutta acoitados
De espectros a povoaram.

—Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.

—Redobra do sítio o horror
Um jôrro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os echos em deredor

Vai temeroso acordando :
Este unico som d'horror
A' calada solidão
Da mudez quebra o condão.

—Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,

Sentiu soçobrar-lhe o ânimo :
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante ;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa fôrça ou razão,
Lhe brada : *Presiste, segue. . . .*
Ai do que a ella se entregue,
Que se entrega á perdição !

IX.

Na rocha cavada grutta
Tem escassa entrada aberta,
Quasi de todo cuberta
De festões d'hera lustrosa,
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa.
—Entre as folhas, que meneia

Ligeiro sôpro de vento,
Viu Sisnando—e alma lhe anceia—
Um lampejar vago, incerto
De luz fraca,—ouve um accento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve que está perto,
Que entoa suavemente
Uma angelica harmonia,
Tam triste que faz chorar!
E ésta voz assim dizia
Em seu languido cantar :

“ Anjos de ceo, acudi-me,
Valei-me, sanctos do ceo,
Que me rouba mais que a vida
Quem so a vida me deu.

“ Sancto ermitão que me deste
Aquella esperanza ainda

Que a desgraçada Adozinda

Viria a ser venturosa

Apoz de longo penar,—

Sorte que vieste

Sôbre mim deitar,

Sorte desastrosa,

Vem ver começar.

“ Anjos do ceo, acudi-me,

Valei-me, sanctos do ceo,

Que me rouba mais que a vida

Quem so a vida me deu.

Mas ah! tam negro crime,

Tam horrida paixão

D'um pae no coração. . . .

D'um pae . . .—Como é possível!—

Não—não—não hade entrar.”

X.

“ Pois treme, infeliz, e sabe

Que essa horrorosa paixão

Aqui n'este coração”

—Sisnando, a quem ja não cabe

No peito a angústia, o tormento

De tam criminoso amor,

N'estas vozes de terror

Rompendo, a caverna entrou.

XI.

Oh que pavoroso instante!

Os anjos todos cubriram

Seus rostos co' aza brilhante;

Sem vento os troncos d'entorno

A ramagem sacudiram;

A lua no ceo mais pallida

Como de susto enfiou

E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII.

Quem hade a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se hade horrorizar
Dos bejos doces e ternos
Que o amor...—Que amor é esse?
De ouvir tam medonho horror
O proprio inferno estremece,
E so la...—ha tal amor!

XIII.

Oh! como heide eu cantar
Se no peito a voz me treme!
Historia que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme.
—So não gemia Adozinda,

Que toda morta, gelada,
Sancto Deus!—mais bella ainda,—
Na viva rocha estirada
Como um cadaver ficou.

XIV.

E o pae ousou levantá-la
E apertar juncto a seu peito
Aquella morta belleza!
—Repugnou a natureza;
E da paixão a despeito
De si a affasta, vacilla:
O anjo da sua guarda
Inda um momento o resguarda
Mas ha na terra ou no ceo
Fôrça, maior que a paixão,
Que subjugue um coração
Que d'amor endoudeceu?
Se a ha, não lhe acudiu Deus,

Venceram peccados seus.
—Lembrou-lhe fugir;—ficou:
Sim, lembrou-lhe a salvação . . .
E á sua condemnação
O infeliz se votou.

XV.

Geme, chora; altos soluços
Do peito lhe véem bradando;
Porêm fugir de Adozinda
Não póde o triste Sisnando.
—Ella acorda, e em voz sumida:
“ Piedade, senhor, piedade . . .”
So póde dizer: perdida
Nos echos da soledade
Vai soando e murmurando
A voz triste e condoida.
—Ouve-a elle; e o coração
No peito lhe estremeceu;

Na execranda pretensão
Recua,—mas não cedeu.

XVI.

Palavras que lh' elle disse,
Respostas que lh' ella deu,
Oh! não as contarei eu,
Não as contará ninguem...
—Quiz que lh' ella promettesse
(E a terra alli não se abriu
Quando tal a um pae ouviu!)
Que para a noite seguinte,
Quando tudo em paz jazesse
Em seu leito o recebesse...

XVII.

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treme:
Insta o perigo imminente,

A esperança na demora . . .
Com voz cortada e gemente :
—“ Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhan responderei.”
—“ Pois solemne juramento
Faras de que . . .”—“ Sim farei . . .”
—“ Que ámanhan antes que o dia
Do oriente desappareça
Daras resposta final.
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses . . .—Pereça
O infeliz n’esse momento ;
So a morte, so o inferno
De meu cru ressentimento
O poderiam salvar.”

CANTO TERCEIRO.

Adozinda.

CANTO TERCEIRO.

*I must a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul ; freeze thy blood ;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.*

SHAKSPEARE.

I.

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
A' fadada grutta escura ;
Que foi ella fazer la ?
No mais denso da espessura,
A tam aziagas horas,
So, alta noite, a deshoras,

Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia,—
Sem levar mais companheiro
Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração!

II.

Quem o sabe?—No castello
Nem a propria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida,—
Nem a propria mãe sabê-lo!
E como é que Auzenda ignora,
Por que incanto ou maravilha,
Que ao pino do meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,
E tenteando a treva espessa
Vai sosinha áquella grutta

Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
—Mas vai; não o sabe Auzenda:
N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo:—oh! que inda mal!

III.

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão
Fallou c'o velho ermitão,
De noite á grutta fadada
Sempre vai. Sibille o vento
No bosque medonho e feio,
A's nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
So, para alli se encaminha

E em rezas, em penitencia
Horas longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro
Por salutar providencia
Seu fado lhe foi preditto;
Talvez lhe fosse prescripto
Por tam sancto conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjuncção
D'um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldição
Que a persegue,—ella innocente!—
Que tam injusta cahiu
N'aquella votada frente.
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição!

E quantas não attraheu
Sôbre a familia inculpada
A suberba despiedada
D'esse orgulhoso Sisnando?
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
A' porta de seu castello
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor
Essa gentalha atrevida
Escorrassar a mandou!
Taes peccados não guardou
Para punir na outra vida
O supremo Arbitrador.

IV.

Mas ja despontava o dia,
Que tam alegre hoje vem,
Tam risonho parecia,

Que não dissera ninguem
Senão que traz alegria :
—E tantas, tam cruas mágoas,
Nunca as trouxe o sol nascente
Desde que assoma no oriente
E se sepulta nas aguas.
Toda a noite longa, immensa,
Auzenda velou chorando,
De suas lagrymas regando
O leito viuvo e so ;
A ninguem sua dor intensa
A desgraçada confia :
Ninguem da triste houve dó,
Que do esposo em companhia
Todo o castello a julgou.
—Porêm a noite passou,
E por fim, do novo dia
Ja o alvor vinha raiando,
Sem apparecer Sisnando.

V.

E' manhan;—tenue inda a luz,
Mas ve-se que é madrugada.
Auzenda ainda acordada
Sente abrirem-lhe com tento
A porta do apposento,
E entrar...—“Será elle?...oh vem!
E's tu, suspirado esposo?”
Disse ella em timida voz:
Não lhe responde ninguem.
Um suspiro doloroso
Lhe dissipou a illusão—
Oh! quem se hade inganar
Com aquelle suspirar!
E' Adozinda:—voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores;
E os sentidos que ficaram

Foi para amargar as dores
Que n'aquelle *ai* a assaltaram.

VI.

“ Filha, filha. . . — a ésta hora!
Que succedeu? . . . que tens tu? ”
Calada Adozinda chora.
— “ Ai não, não me chameis filha! ”
Rompe emfim, a soluçar,
Nadando n'um mar de pranto.
— Pasma, terror, maravilha,
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Auzenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
— Que será? — E esse tyranno
De todo o socêgo humano,
Dúvida, o monstro fatal,
Que até nos deixa a esperança

Paraquê do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando n'alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormento.

VII.

Adozinda ajoelhada
Juncto ao leito onde convulsa
Jaz a mãe atribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz d'amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar,
As mãos que ella aperta e beja,

E que o pranto que gotteja
Ja não sentem derramar.

VIII.

Volve a ti, mae desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tamanha ventura fôra
Que da sorte despiedada
Concedido não será :
Vem ouvir tua sentença
De morte—peior que morte,
Vergonha horrorosa, offensa,
E de quem!...de teu consorte,
Do pae monstro, monstro esposo ...
Ai! para o tormento odioso,
Para tamanha afflicção
Não tem fôrça o coração.

IX.

Tudo lhe conta Adozinda,
Tudo . . . tudo,—interrompendo
A horrorosa narração
Ora as lagrymas fervendo,
Ora os soluços rompendo
Do rasgado coração,
Ora os labios descorados,
De pejo e terror gelados,
Sem podêr nem balbuciar
O que é fôrça revelar.

X.

“ Irás—disse Auzenda em fim,
E a voz, que treme, assegura:
“ Irás a teu . . .”—*pae* não disse,
E um som rouco lhe murmura
Nos labios onde a meiguice,

Onde a maternal ternura

Procuram em vão sorrir :

“ Irás, filha, a Dom Sisnando

E lhe dirás que . . . ”

——“ Senhora ! ”

Interrompe ella chorando.

—“ Que—torna a mãe—quando a hora

Da meia noite soar,

Em teu quarto o hasde esperar.

Não tremas, filha, não tremas,

Não chores, minha Adozinda,

Querida filha, não gemas

Que hasde ser feliz ainda.

No angustiado seio

Guardemos inda a esperança ;

Do ceo mandada me veio

Uma ditosa lembrança

Que nos poderá salvar.

No teu leito d'ouro fino

Sou eu que me heide ir deitar;
Tua camisa de hollanda
Ao meu corpo heide lançar:
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar . . .
Ah! que o ceo hade abençoar
Este engano virtuoso,
E ao dever de pae, de esposo
Dom Sisnando hade voltar.”

XI.

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sôbre as muralhas da tôrre,
Voltaram as afflicções:
E o tempo,—que leve corre
Para todos os viventes,—
So áquellas innocentes

Accintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII.

Emfim meia noite soa :
Dom Sisnando aguilhoado
Do torpe amor,—do peccado,
Impaciente ao prazo voa
Que elle d'amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda ;
Cego beja a face linda,
Que decerto não é d'ella,
Mas que não é menos linda ;
Ao convulso peito aperta
Aquelle peito formoso
—Desgraçado, é tempo ainda,

Do cruel sonho desperta,
Que ao precipicio horroroso
Ja te vai a despenhar! . . .

XIII.

Dom Sisnando é criminoso
Quanto o podia ficar;
Do intento abominoso
Nada resta a consummar.
Ja tristemente acordou
De seu delirio fatal,
E sorrindo amargamente,
A' infeliz assim fallou:
—“ E era . . . isto . . . pobre innocente;
Que tanto se recitava
Tua virtude fingida?
Ah! essa alma corrumpida
Mais do que teu corpo estava,
E tu . . .”

Não pôde ouvir mais
A triste mãe; não lhe soffrem
As entranhas maternas
Ouvir a filha adorada
De tal modo calumniada,
E por quem, e em que momento!
C'um suffocado lamento,
Que do peito rebentando
Trouxe aos labios alma e vida,
Quebra o silencio:—“Ah, Sisnando!
Ah, senhor! . . . matae-me embora;
A desgraçada sou eu.”
—E a terra n'aquella hora
Rasgada não soverteu
O infeliz, que meio morto,
No abysmo do crime absorto,
D'este golpe inesperado
A' violencia cedeu!

XIV.

Silencio largo, mortal
Foi a unica expressão
Que por longa duração
N'aquelle estado fatal
Entre esses dous foi ouvida.
Porêm no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porêm mais pungido ainda
De seu crime mallogrado,
Brada em cholera abrazado:
“Pereça a filha descrida
Que deshonra a seu . . .”

—*Pae* não,

Pae não ousa proferir.

A palavra suspendida

Por fria, pesada mão
Do remorso insubjugado
Lhe voltou ao coração
A lacerar-lh'o, a vingar-se
Da mal-soffrida oppressão.

XV.

—“ Ouvi-me, senhor: culpada
Sou eu so . . .” A triste esposa
Lhe diz; mas não ouve nada
Aquella alma furiosa,
Ja n'este mundo ralada
De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI.

Parte, corre;—o brado horrivel
Por todo o castello soa

Tam medonho como troa
Medonho trovão d'outomno.
Despertos do brando somno
Todos são:—ordens que deu
São taes, que de horror tremeu
A gente absorta e pasmada.
Tristemente obbedecendo
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII.

Do castello para um lado
Uma antiga tôrre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia

Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regía.
Alli uma esposa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,
Sette annos e mais um dia
Fechada a teve o cruel
Sosinha, a grilhões e nua;
E so pão sêcco lhe dava,
Mas agua não consentia
Que nunca ninguem lh'a desse
Para que á sêde morresse.
Valeu-lhe quem tudo póde,
Que ao infeliz sempre accode;
Vinha-lhe orvalho do ceo,
De que os sette annos bebeu:
E emfim ao septimo anno
De tal milagre vencido
Foi o proprio rei tyranno,
Que a liberdade lhe deu

E do crime commettido
(Se o havia) se esqueceu.

XVIII.

Para ésta tôrre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do inverno aberta
A chuvas, a ventania,
Sisnando—Quem tal diria!
Mandou a filhinha linda
Que alli fechada gemesse ;
A virtuosa Adozinda! . . .
E ai de quem agua lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da sêde á morte crua
—Qual o mouro a sua dama—
Alli quer que morra nua,
De todos desemparada,

De seu pae amaldiçoada,
So da triste mãe chorada!

XIX.

Sem dar somente um gemido,
Sem se carpir nem queixar,
Como ovelhinha innocente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vai Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam
A acompanha tristemente.
E o pae!—Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem ve.
N'um apposento encerrado
Onde nem ao mais privado
Concedido é metter pé,

So ficou, so permanece :
So!—antes acompanhado
De quem os seus não esquece,
Do remorso,—do peccado.

Do tempo, — do passado,
De quem os seus não esquece,
E antes acompanhado
Se ficou, se pertencece.

CANTO QUARTO.

Abolition.

CANTO QUARTO.

Adorno

CASTO QUARTO

CASTO QUARTO

Adozinda.

CANTO QUARTO.

*You do me wrong, to take me out o' the grave :—
Thou art a soul of bliss ; but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.*

SHAKSPEARE.

I.

SETTE annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tôrre fechada.
E o tyranno bem sabía
Que nem tres dias somente

Viver podia a innocente
Com a sêde, a desnudez.
Uma semana é passada,
Passado é um mez e outro mez,
Anno e annos decorreram ;
E os sette annos feneceram
Sem que 'Adozinda formosa
Em tal m'ingua percesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma so rosa.

II.

Veio um dia,—n'esse dia
O captiveiro acabava:—
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava ;
Na tôrre uma voz se ouvia ;
(E é ésta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,

Que supplicava piedade :
—“ Uma sêde, uma so d’agua,
Uma so por compaixão,
Que me abraso n’êsta fragua,
Que me estalla o coração.”

III.

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram ;
C’os olhos na alta janella
De toda a parte correram :
“ Vive, inda vive ! ” bradavam :
A innocente ! vinde ve-la.”
E uns aos outros recontavam
Das virtudes, da paciencia
D’aquelle anjo d’innocencia,
Que ha muito morta julgavam.
— Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir

Da torreada prisão :

—“ Uma sêde, uma so d’agua,
Uma so por compaixão,
Que me abraso n’êsta fragua,
Que me estalla o coração!”

IV.

A todos se commoveu

O mais íntimo do peito,

Mas não ousam a affrontar

Do pae o sevo despeito.

—“ Tem paciencia, anjo do ceo.”

Com lagrymas responderam :

“ Que ja não pode tardar

O pae que te vem soltar.

Os sette annos decorreram,

O dia está a acabar :

Soffre mais este momento

Que hoje acaba o teu tormento.”

V.

—“ Oh! como heide eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,
Sinto abrasar-me da calma?
Sette annos me accudiu Deus,
Que por milagre vivi:
Dava-me orvalho dos ceos,
De que sette annos bebi;
Do estio ardentes queimores
No meu corpo os não senti,
Do inverno os frios rigores
Tambem esses não tremi.
Mas ha tres dias que a mão
Do Senhor me abandonou;
Tudo, tudo me faltou,—
Oh! tende de mim piedade!
Uma sêde, uma so d’agua,
Uma so por compaixão,

Que me abraso n'êsta fragua,

Que me estalla o coração!"

—De novo alto chôro ergueram,

Lastimado pranto gemem;

Mas do seu tyranno tremem,

So a chorar se atreveram.

VI.

Soa a nova no castello,

Vai correndo em derredor,

De que porfim fôra ouvido

Aquelle anjo soffredor

Soltar queixoso gemido,

Piedade emfim supplicar.

So a Auzenda, que expirando

No leito da morte jaz,

Para que morresse em paz

Vão a notícia occultando.

Mas soube tudo Sisnando,

E no duro coração
Ja vacilla a crueldade,
Ja vislumbra a compaixão:
Dos seccos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
D'algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto,
Qual onda que estalla em flor
Sôbre o penedo herissado.
Todo em lagrymas sanguineas
O infeliz debulhado,
Para aquella infausta tôrre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
—“ Agua! trouxei agua, vinde,
Accudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!”

VII.

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:
—“ Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, ó filha, perdão
Para este algoz . . .”—Cortou-lhe
O excesso da paixão
Lingua e fôrça: a voz quebrou-lhe,
E por morto cai no chão.

VIII.

Oh! que povo se ajuntava
No castello de Landim,
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tamanho cavalleiro,
Tam ricco e grande senhor,

Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado;
Dá-lhe fôrça e vida amor,
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou;
Ei-la se ergue, e em mal firmado
Passo corre—e la chegou.

IX.

E ja por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tôrre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que ja rendida
Vai de todo;—á roda tremem
Do fundamento aluida
A tôrre e os solidos muros.
Mas em vão de centenares

Dos mais rijos braços duros
Se movem os instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castellos regulares,
De mais solidos cimentos
Teem amiudo triumphado.

X.

Parece incanto :—será ?
O povo maravilhado
Ja por tal tremendo o dá.
Cedem todos : incantado
E' o negro portão ferrado . . .
E o povo desanimado
Da empreza desiste ja.

XI.

Arreda arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,

Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um sancto ermitão ;
Com as suas orações
Este incanto hade quebrar,
Ou se do demonio é trama,
Com o seu bento condão
Elle a hade desmanchar.
—Ei-lo chega:—este semblante
Não é aqui desconhecido . . .
E' sta barba, este vestido . . .
E' elle,—o mesmo ermitão
Que a noite de San João
(Não ha dez annos ainda)
No castello pernoitou,
—Que Sisnando o maltrattou,
Mas por a bella Adozinda
Pedir muito, la ficou.

XII.

Com a cabeça cuberta
De seu agudo capuz,
Os olhos de côr incerta,
Pasmados, fixos; e a luz
Que d'elles sai é tam viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar.
As mãos cruzadas no peito,
Vagaroso seu andar,
Tam pesado e de tal geito:
Que faz um echo tremendo
Quando os passos vai movendo,
E como que a terra e o ar
Com o pêso vão gemendo.
—Foi seu caminho direito
Da tôrre á porta ferrada;
Sem attender a mais nada,

Sem olhar nem para Auzenda,
Que em lagrymas debulhada
Supplices mãos lh' estendia,
Chega á porta; e em voz horrenda
“ Abre-te!”—disse.—Estallou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou.
—Mas elle subitamente
Voltando-se para a turba,
Que alto alarido alevanta,
E em derredor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o ânimo quebranta:
“ Emmudecei!” lhes bradou.
—Ficaram todos calados;
E—*emmudecei*—revibrou
De echos em echos dobrados
Pelo castello e jardim,
Pelos souts ao redor,

Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obbedecem
E por senhor reconhecem
Ao ricco-homem de Landim.
—Depois estendendo a mão
Ao logar onde jazia
Por morto no frio chão
O desgraçado Sisnando,
E'stas palavras dizia,
Que em ouco som vão soando :

“ Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

“ Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,

So tem perdão
Com longa vida
De penitencia,
De contricção,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da perdição.

Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

“ O anjo celeste
Na hora última
Te perdoou,
E ao Pae eterno
A tua victima
Por ti rogou.

“ Lazaro immundo,
N’esta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóra!”

XIII.

Em pé está Dom Sisnando:
Vivo está; morto parece,
Tam negro veo lh’ ennoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu sêllo ja pôsto
Tinha o archanjo da morte.

XIV.

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça cuberta,
A’ porta da tórre aberta
Faz breve e baixa oração.
Eis violento repellão

A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda
Sua voz se ouviu clamar,
E por uma sêde d'agua
A seu algoz supplicar.

XV.

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do ceo recendem,
Morta Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angelicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tam brandamente soava

Que ao coração parecia
Que por piedade o affagava
A quem saudoso gemia.
—A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De puros lirios coroadada
Brilhava com luz tam vívida
Que parecia toucada
De puros raios do sol.
As mãos postas sôbre o peito
Para o ceo se alevantavam,
E como que d'alma justa
Para a morada apontavam.

XVI.

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãe!—Faltava
So este último tormento.
A malfadada cuidava

Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este.—E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer

XVII.

Levantou-se o ermitão
E bradou:—“Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.”
—Submissa resignação
Póde a voz tolher á dor,
Mas não tolhe ao coração
Seu espinho pungidor,
Que em silencio é mais cruel,
Rasga mais, e na ferida
Mais acre derrama o fel.
A paciencia soffrida

Da triste Auzenda cedeu ;
Não exclamou, não gemeu,
E em tributo de respeito
Sua mágoa fechou no peito.

XVIII.

E Sisnando ?—o desgraçado
No pó da terra humilhado,
So se lhe conhece a vida
Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX.

Para a ermida do castello
Em fim o corpo levaram
E n'um cofre d'ouro fino
Como reliquia o guardaram.
—Muito a não carpiu Auzenda,
Que a morte compadecida

Cedo a libertou da vida.
Porêm a longa existencia
De remorso e penitencia
Sisnando foi condemnado;
Cuberto de horror e opprobrio
Cumpriu seu mesquinho fado;
Onde?—Ninguem mais o soube.
Do castello aquella noite
Com o ermitão se sumiu;
Nunca mais d'elle se ouviu.
Mas á meia-noite em ponto
Na cappella de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando:
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.



Cedo a liberdade a vista e a alma
 Formo a fôrça e a existência
 De tenores e prisioneiros
 Quando foi com a minha voz
 Cuidado de horror e opprobrio
 Cumprir seu indispensavel
 Obed? - Negativamente o souber
 Do castello e da cadeia
 Com o estulto e a sua
 Nunca mais h'elle se ouvira
 Mas a minha voz e a minha
 Na capella de Landim
 Se ficou sempre escuchando
 Cantar a minha voz melancolica e triste
 Que pelo mundo se achava
 E a voz dos desventurados
 Que vive a voz do Dom
 Quando a voz do meu
 Que vive a voz do meu

NOTAS.

NOTES

NOTAS.

INTRODUÇÃO.

A.

Este terreno é sancto : inda estás vendo

Alli aquelles restos mal poupados.—*pag. 2.*

Em Campolide e nas alturas que avizinham o célebre aqueducto das *Aguas livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo-da-lide, ficou a este sítio da batalha que alli se deu nas guerras da acclamação de D. João I. V. Provas genealogic. Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores.

B.

Essas arcadas

Suberbas, elevadas.—pag. 3.

O aqueducto das *Aguaes livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V. que nem sempre empregou tam bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regurgitavam com o ouro das minas do Brazil e de outras possessões portuguezas. D. João V. todavia amou, ao menos protegeu as artes e as lettras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tam mau gôsto eram as lettras que protegeu. O crepusculo de nossa reabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos:

Um rei que amou as artes, rei pacífico,

A quem amor fadou

Que seu fosse e das musas, &c.—

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V. tinha

o ambição de querer imitar Luiz XIV. seu contemporaneo,—até nas fraquezas.

C.

Lembra-te aquella historia

Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta.—

pag. 10.

Eis aqui o original d'este romance ou legenda tal como anda na tradição do povo.

CHACRA OU

[ROMANCE DA SYLVANA.

A Sylvana passeava
Por seu corredor acima,
Violla d'ouro levava,
Oh! que tam bem a tangia!
E se ella bem a tangia
Melhor romance fazia.

A cada passo que dava,

Seu padre a accomettia :

—“Atreves-te tu, Sylvana,

Uma noite a seres minha?”

—“Fôra uma, fora duas,

Fôra, meu pae, cada dia

Ma' las penas do inferno

Quem por mim las penaria?”

—“Pená-las-hei eu, Sylvana,

Que las peno cada dia.”

—

Foi-se d'alli a Sylvana,

Mui agastada que ia ;

Foi se encontrar com su' madre

Entre a salla e a cozinha.

—“Que tens tu, ó minha filha,

Que tens tu, ó filha minha?”

* * * * *

* * * * * †

† Aqui ha' visivelmente uma lacuna : falta a resposta ou explicação da filha.

“ Vai, filha, vai para casa,
Veste uma alva camiza,
Que o cabeção seja de ouro,
As mangas de prata fina ;
Deitar-te has no meu leito,
Que eu no teu me deitaria.

La juncto da meia noite
D'amores a accommettia
—“ Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tam corumpida,
Oh ! las penas do inferno,
Por ti as não penaria.”
—“ Esta não é a Sylvana,
E' a mãe que a paria ;
Tambem pariu Dom Alardo,
Senhor da cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Senhor da infantaria,
Tambem pariu a Sylvana,
Que de ti foi commettida.”

—“ Oh ! mal haja, que haja a filha
Que a s’u padre deseobria !”

—“ Oh ! mal haja, que haja o padre
Que sua filha commettia.”

Manda-a metter n’uma tôrre
Que nem sol nem lua via :
Dão-lhe a comida por onça
E a agua por medida.

—No cabo de sette annos

Ves a tôrre que se abria :

Assomou-se a Sylvana

A uma ventana * mui alta,

Foi-se encontrar com s’u madre

Cozendo n’uma almofada :

—“ Esteis embora, mi’ madre,

Mi’ madre ja da minha alma ;

Peço-vos por Deus do ceo

Que me deis um jarro d’agua,

* Janella.

Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.”
—“ Dera-t’o eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sette annos para oito
Que por ti sou mal casada.
Se t’u padre tem jurado
Pelos cunhos da espada
Primeiro que te desse agua
Tinha a cabeça cortada.”

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta ;
Foi-se encontrar c’os irmãos,
Que estavam jogando as cartas :
—“ Estejaes embora, irmãos,
Meus irmãos ja da minha alma ;
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d’agua,
Que se me aparta a vida,

Que se me arranca a alma.”
—“ Dera-t’o eu, irman minha,
Se a tivera salgada ;
Se o padre tem jurado
Pelos cunhos da espada
Primeiro que te desse agua
Tinha a cabeça cortada.”

Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mais alta,
Foi-se encontrar com s’u padre
A jogar a embocada : *
—“ Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d’agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma ;
E de hoje em diante
Serei sua namorada.”

* Especie de jôgo antigo que tem seus longes do bilhar, ainda hoje usado entre a gente do campo em algumas povoações antigas, principalmente nas provincias meridionaes.

—“ Alevantem-se, meus moços,

Levantem-se, meus creados,

Venham com jarros de ouro,

Outros com jarros de prata.

Os primeiros que chegarem

Teem a commenda ganhada,

Os segundos que chegarem

Teem a cabeça cortada.

—

Os creados que chegavam,

Sylvaninha que finava

Nos braços da Virgem sancta,

Dos anjos amortalhada.

—“ Vai-te embora, Sylvaninha,

Sylvaninha da minha alma ;

Tua alma vai para o ceo,

A minha fica culpada.”

—

A tradição popular attribue ésta nefanda aventura a um rei que se namorou de sua propria filha ; como

a de Myrrha se namorára d'elrei seu pae.—Provavelmente ambas as duas anedotas teem seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das duas diversas epochas. O observador curioso notará o differente character de duas historias tam semelhantes, e colherá a essencial distincção em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes de deuses e deusas e outros agentes sôbrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral, na sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; é na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralizar as mesmas ideias, as mesmas coisas por differente modo.

CANTO I.

D.

Como os picos do Gerez

Quando em Janeiro lhe neva.—*pag.* 18.

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho de alpestres alcantis, cuberta de plantas alpinas de curiosissima *flora*; cujas summidades conservam quasi todo o anno resplandcentes massas de gêlo. Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineraes e thermaes conhecidas pelo nome de caldas do Gerez.

E.

E guiaram seu pendão

Para terras de Moirama.—*pag.* 23.

Moirama na phrase do povo quer dizer terra de Moiros. N'outro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo; mas n'este quadra.

F.

Que tropel que vai nos paços

De Landim ao pé dos rios.—*pag.* 25.

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome ; ésta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve outro tempo uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas : fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr umidos a desembocar em Villa-do-conde e perder-se no mar.

CANTO II.

G.

Ou são sombras de finados,

Ou de negras bruchas más

Alli ha nocturna dança.—*pag.* 43.

E'stas bocas de cavernas, e outros recéssos, assim

de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes pela imaginação do vulgo povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruchas celebrando os torpes mysterios de seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa.—São as *moiras-incantadas*, que nem são bruchas, duendes, nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a incantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes—e ás vezes, tam boas são! a satisfazê-los.

Não é d'este logar o exame, que sería bem curioso, da mythologia nacional portugueza. Basta dizer, com o A. de D. Branca, que devemos explorar ésta mina tam rica e tam pouco lavrada de bellezas poeticas originaes e novas, que sem emprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa.

H.

Se a ha, não lhe accudiu Deus,

Venceram peccados seus.—*pag.* 49, 50.

O povo é geralmente fatalista: e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder; era coisa que o perseguia*: e outras que taes razões são as explicações de todo o phenomeno estranho que os surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana.

CANTO III.

I.

Mas diz que não ha condão

Peior que o da maldição.—*pag.* 58.

A maldição do pae desacatado, ou do pobre maltrattado, passam entre o povo por ser as mais terri-
veis e inevitaveis. Atéqui a moral de acôrdo com

a crença vulgar. Mas a maldição, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna.—E' certo porê m que se é acaso, o acaso tem servido mui bem os fautores d'aquella crença.

K.

Ah! essa alma corrupida

Mais do que o teu corpo estava.—pag. 69.

O leitor verá n'êsta passagem, no conselho de Au-
zenda á filha, em muitos logares d'este e do IV. canto
principalmente, quanto fiz por me conservar perto do
romance primitivo, assim no pensamento como até
na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a decen-
cia, e outras vezes a correcção da phrase, e ja tam-
bem a indole do meu romance.

CANTO IV.

L.

Sette annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria.—pag. 81.

Sette annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos contos de fadas, incantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz :

Sette fadas me fadaram
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sette annos,
Sette annos e mais um dia.

O numero sette é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-negromantica de 7×1 creio que é so portugueza.

M.

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar.—pag. 90.

Veja o glossario de Sta. Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelligencia d'êsta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos.

N.

E por senhor reconhecem
Ao ricco-homem de Landim.—pag. 94.

Sôbre *ricco-homem*, veja o mesmo glossario; a dignidade de ricco-homem perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos.

Ricco-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor.

O.

E essa voz diziam todos
Que era a voz de D. Sisnando.—pag. 101.

E'sta especie de *vindicta-pública*, com que o povo stigmatiza a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas-do-outro-mundo, dos *révenants* vampiros, &a. &a.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fabulas, ver-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos.

L.
-45793

FIM.



OBRAS DO MESMO AUCTOR QUE SE
ACHAM A VENDA :

CAMÕES, poema em X cantos.—1 vol. em 12.

D. BRANCA, OU A CONQUISTA DO ALGARVE, em
VII cantos.—1 vol. em 12.

NO PRELO, E A PUBLICAR-SE BREVEMENTE.

THEATRO: 2 vol. mesmo formato, contendo as se-
guintes peças originaes todas.

Merope—tragedia, em cinco actos.

Albuquerque—drama heroico, em tres actos.

Catão—tragedia, em cinco actos.

Edipo—tragedia, em tres actos.

Os namorados extravagantes—drama, em tres actos.

D. Fernando, ou o Regulo portuguez—tragedia,
em cinco actos.

Uma comedia portugueza de character, e costumes
nacionaes.

E'sta collecção será precedida de um breve qua-
dro da historia do theatro portuguez.

ORIGEM DO NOME DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
A. J. FERREIRA

Este trabalho tem por objectivo esclarecer a origem do nome do Estado do Rio de Janeiro, e para isso se recorreu a uma investigação minuciosa dos documentos e livros que se encontram em nossa biblioteca, e em alguns outros que se encontram em outras bibliotecas.

Para isso se recorreu a uma investigação minuciosa dos documentos e livros que se encontram em nossa biblioteca, e em alguns outros que se encontram em outras bibliotecas. O nome do Estado do Rio de Janeiro, segundo se vê nos documentos, foi sempre Rio de Janeiro, e não Rio de Janeyro, como se vê em alguns livros de geografia.